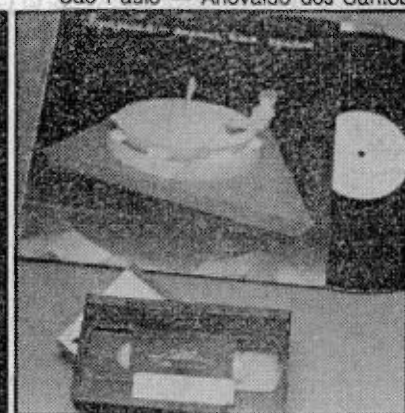


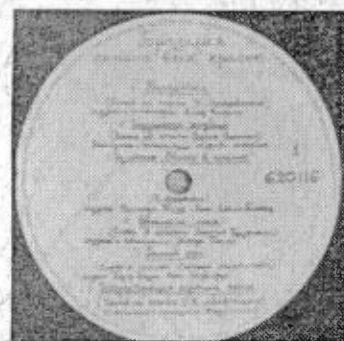
## Disco que Sarney deu a Gorbachev não recolheu direitos autorais

São Paulo — Ariovaldo dos Santos



# B

## Presente de brasileiro



*Lobão, que havia comparado o bigode de Sarney ao de Hitler, teve aulas de fonética russa mas foi excluído do disco*

Lina de Albuquerque

**S**ÃO PAULO — O presente que o presidente José Sarney, em sua recente visita a Moscou, deu ao camarada Mikhail Gorbachev — um disco com poemas russos interpretados por músicos brasileiros — e o videoclip que o acompanhava —, foram feitos sem a autorização dos principais tradutores dos escritores russos selecionados, os poetas Augusto e Haroldo de Campos e o ensaísta Boris Schnaiderman.

O LP e o vídeo, distribuídos na Expo-Brasil, feira da indústria brasileira realizada em Moscou durante a viagem de Sarney, foram produzidos pela paulistana Diana Cine VT, patrocinados pela indústria de tintas Renner e desenvolvidos pelo Ministério das Relações Exteriores e por dois órgãos do governo federal, a Funtevê e a Radiobrás. A Renner investiu US\$ 300.000 no projeto graças à Lei Sarney, que permite o abatimento do imposto de renda sobre doações a produções culturais.

"A maioria das faixas do LP foi musicada a partir de versões poéticas nossas, mas não autorizamos a reprodução, porque havia um cunho político por trás da iniciativa", justifica Augusto de Campos. Para surpresa de Campos, os produtores não só atropelaram sua vontade como, há aproximadamente duas semanas, tornaram a pirataria ainda mais evidente com a exibição do videoclip na paulistana TV Gazeta, sem ao menos mencionar os nomes dos tradutores.

Agora, o coordenador do projeto, Mauro Motoryn, fala em lançar o disco comercialmente no

Brasil, com o selo CBS. Ele já tem até um título para o LP, que pode chegar às lojas por volta de janeiro próximo: *Caipiroska*, coquetel idiomático que mistura a nossa caipirinha e a vodka soviética. Desta vez, Motoryn tem a cautela de avisar que vai assegurar todos os direitos dos tradutores — ao contrário, aliás, do que se faz na União Soviética, que não paga direitos autorais.

Enquanto os três tradutores, assessorados por um advogado, aguardam o desfecho do caso, um dos artistas que participaram da gravação do disco também arreganha os dentes. Ele é o compositor Lobão, o único que cantou um poema no LP — *Hino ao juiz*, de Vladimir Maiakóvski — na língua russa. Tamanho foi o seu desejo de "prestar homenagem ao elevado estágio político da União Soviética" que Lobão tomou até aulas de fonética com o professor de russo Wanderlei Saldanha Matos, do Instituto Brasil-União Soviética, no Rio. Mas justamente a sua música, um bom maracatu afro, acabou desaparecendo do fonograma.

"Lobão ficou de fora porque quando terminou as gravações o disco já tinha sido prensado", argumenta Motoryn. Mas o compositor tem outra versão. Para ele, o principal motivo de sua exclusão foi uma entrevista que deu, na mesma época, à Rádio Fluminense, do Rio, na qual, entre outros petardos, comparava a personalidade de Sarney com a do nazista Adolf Hitler, fazendo uma irônica alusão aos bigodes de ambos. "Antes do veto recebi um telefonema informando que a minha participação seria eliminada", garante Lobão, que teve a idéia de gravar o videoclip de sua música (este liberado) por detrás das grades de uma cadeia. Ele está condenado a nove meses de prisão em regime aberto.

Com exceção dos capítulos, tradutores e Lo-

bão, o disco agradou aos produtores. "É uma das mais felizes reuniões da MPB dos últimos tempos", exagera o crítico de música Miguel de Almeida, o pai da idéia. O cantor Alceu Valença abre o lado 1 com o baião *Balalaica*, sobre texto do poeta Maiakóvski (1893-1930). Outros poemas de Maiakóvski aparecem mais adiante no disco: *Flauta vértebra*, balada de Renato Teixeira; *Quadro completo da primavera*, sussurado por Macalé; *O amor*, em tradução de Caetano Veloso e Ney Costa Santos, na voz de Leo Jayme; e *Nuvens de calças*, versão de Emílio Guerra, com uma suave Leila Pinheiro acompanhada ao piano por Wagner Tiso.

Sobre versos do futurista Vielimir Khlebnikov (1885-1922) o Joelho de Porco gravou o rock *Tzares*; de Aleksíei Kruchônikh (1886-1968), o poema *Me abraçaram* virou música na voz de João Bosco; *Paraíso terrestre*, do poeta Leonid Martinov (1895-1934), foi musicado pelo instrumentista Paulo Moura. O radical Sierguéi Iessiênin (1895-1925), teve seu *Pomba do Jordão*, transformado numa seresta pelo baiano Moraes Moreira.

Quanto a *Até logo, até logo companheiro*, famoso por ter sido escrito por Iessiênin com sangue de seu pulso poucos minutos antes de enforcar-se, em 1925, num hotel de Leningrado, Augusto de Campos não precisa se preocupar. É que a versão de sua autoria — "Até logo, até logo, companheiro/Guardo-te no meu peito e te asseguro:/ O nosso afastamento passageiro/É sinal de um encontro no futuro" — certamente tem pouco a ver com a imaginada pelo cearense Belchior, que não hesitou em produzir algo como um *country* meloso: "Até mais ver, até mais ver, meu camarada/Contigo em mim e ainda em ti vou indo em dois/Qualquer distância entre nós tornada em nada/Só assinala o novo encontro pra depois."